



Veredas Atemática

VOLUME 16 nº 2 - 2012

O potencial retórico da avaliatividade em resenhas não acadêmicas

Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)
Maria Elias Soares (UFC)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar os padrões de avaliação que se materializam em resenhas não acadêmicas de livros, interpretando o potencial retórico dos recursos avaliativos selecionados pelos resenhistas. Para a realização deste objetivo, utilizamos um referencial teórico da área de Linguística Sistêmico-Funcional que é o sistema de Avaliatividade. Selecionamos um *corpus* de 94 (noventa e quatro) resenhas publicadas em jornais e revistas brasileiras e realizamos uma análise de natureza qualitativa. Os resultados obtidos indicaram que os resenhistas na comunidade jornalística utilizam mais a variável Apreciação e realizam uma valoração mais positiva que negativa.

Palavras-chave: Resenha; comunidade jornalística; valoração.

Introdução

Os estudos da avaliação em textos jornalísticos como os desenvolvidos por Iedema, Fez e White (1994), White (1998) e Martin e White (2008), por exemplo, se preocuparam em categorizar diferentes tipos de padrões avaliativos presentes no discurso jornalístico. Estas pesquisas levaram a identificação de três “chaves” avaliativas que são a “voz” do repórter, a “voz” do comentarista e a “voz” do correspondente, bem como

possibilitaram a reflexão em torno da “objetividade”¹ do discurso jornalístico e em torno dos rótulos que designam esses gêneros.

Os padrões de avaliação encontrados revelaram diferentes configurações do uso da linguagem no que se refere às categorias de Afeto, Julgamento e Apreciação. Considerando que os trabalhos acima indicados se referirem ao contexto retórico de língua inglesa e não terem inserido em seus *corpora* resenhas de livros, a presente pesquisa tem como objetivo investigar os padrões de avaliação que se materializam em resenhas não acadêmicas de livros, interpretando o potencial retórico dos recursos avaliativos selecionados pelos resenhistas.

Nossa investigação pretende contribuir no fortalecimento de um veio de perspectivas teóricas que estabelece uma vinculação entre texto e “contexto” (Linguística Sistêmico-Funcional), na distinção de mais um dos padrões de avaliação utilizados no contexto retórico brasileiro, e no estabelecimento de conexões entre os padrões de avaliação e as consequências retóricas. Sobre o último aspecto, destacamos que a identificação dos padrões de avaliações não tem a pretensão de ser apenas descritiva, mas de relacionar o tipo de avaliação com o modo de produção do gênero na comunidade jornalística².

Utilizamos um *corpus* de 94 (noventa e quatro) resenhas publicadas em jornais e revistas brasileiras³. A seleção desses textos é consequência da utilização dos seguintes critérios: da reputação, da representatividade e da acessibilidade. O primeiro está relacionado com a reputação dos jornais e revistas de onde foram selecionadas as resenhas. Segundo Motta-Roth (1995, p. 107), eles “devem ser altamente considerados pelos membros de uma comunidade profissional como uma indicação de sua representatividade do campo”.

O segundo critério está relacionado com a confiabilidade dos textos selecionados considerados como exemplares autênticos de resenhas não acadêmicas. Nesse sentido, estabelecemos alguns recortes: o texto selecionado estar localizado em seção de jornal ou revista que indicava ao pesquisador se tratar de uma resenha; o espaço de onde o texto foi selecionado constituir-se em uma seção periódica na revista ou jornal, o texto ser assinado e ter sido publicado entre os anos de 2005 a 2008. A opção por esses anos justifica-se pelo fato de preferirmos trabalhar com textos mais atuais. O terceiro critério está relacionado com a facilidade ou a dificuldade do pesquisador de obter os dados. Considerando o percurso mais fácil, optamos por restringir nossa escolha a resenhas que estivessem disponíveis em jornais e revistas em meio digital ou que nos foi permitido o acesso através de senhas.

A organização retórica do presente artigo está subdividida em duas seções, a saber: a primeira apresenta as bases teóricas do Sistema de Avaliatividade e a segunda descreve os padrões de avaliação identificados em resenhas não acadêmicas de livros. Esta análise será descrita nos principais propósitos comunicativos identificados por Sousa (2009), que foram: “apresentar a obra”, “apresentar o autor”, “descrever a obra”, “avaliar a obra” e “avaliar o autor”⁴.

¹ Segundo Iedema, Feez e White (1994), diferentes domínios sociais apresentam diversas convenções de “objetividade”, ou seja, a objetividade do discurso jornalístico não é a mesma objetividade do discurso acadêmico.

² Sobre a noção de “comunidade jornalística” ver o trabalho de Sousa (2009).

³ Selecionamos resenhas dos seguintes jornais e revistas: revista Isto é, revista Época, revista Veja, jornal Diário do Nordeste, jornal O Povo, jornal Folha de São Paulo, jornal O Estado de São Paulo, jornal Hoje em Dia, jornal Diário de Cuiabá, jornal Correio do Povo e jornal Gazeta do Povo.

⁴ A abordagem dada aos propósitos comunicativos identificados por Sousa (2009) não será aprofundada, considerando que o objetivo da pesquisa centra-se na análise dos padrões de avaliação e suas consequências retóricas.

1. O sistema de avaliatividade: incursões em torno da categoria Atitude

A base teórica da avaliação que será empreendida nesta pesquisa fundamenta-se no sistema de Avaliatividade que tem origem no projeto “Escreva adequadamente” (*Write it right*) do Programa das Escolas Desfavorecidas do Departamento de Educação Escolar em Sidney. O estudo de diferentes discursos (científicos, midiáticos, das artes visuais, da tecnologia, dentre outros) acabou convergindo em um interesse comum: a investigação dos meios linguísticos utilizados por escritores para expressar juízos de valor. Assim, as pesquisas realizadas geraram uma teoria que

[...] se ocupa dos recursos linguísticos por meio dos quais os textos/falantes chegam a expressar, negociar e naturalizar determinadas posições intersubjetivas e em última instância, ideológicas. Dentro dessa ampla área de interesse, a teoria se ocupa particularmente da linguagem (da expressão linguística) da valoração, da atitude e da emoção, e do conjunto de recursos que explicitamente posicionam de maneira interpessoal as propostas e proposições textuais. (WHITE, s/d, p. 01, tradução nossa)

Como é possível observar na citação acima, fica evidente a atenção dada pelo autor às relações interpessoais ao explicitar em que consiste a teoria. Esse cuidado não é sem razão na medida em que esse aparato teórico desenvolveu-se no interior da Linguística Sistêmico Funcional e segundo Martin e White (2008) representa um desenvolvimento da relação interpessoal que foi inicialmente referendada por Halliday na década de noventa. Nesta perspectiva, o sistema de Avaliatividade trata das relações entre escritor/leitor, da postura adotada pelo escritor no texto, do compartilhamento de emoções, valores, dos recursos linguísticos utilizados por escritores/falantes para criticar ou elogiar, dentre outros.

Esse viés já nos permite afirmar que este quadro teórico explora diferentes operações retóricas na construção dessas relações entre escritor/falante e suas respectivas audiências. O aparato teórico elaborado para identificar a avaliação se constitui em um sistema semântico de escolhas lexicais pelo qual o falante/escritor expressa sua opinião sobre pessoas, entidades e processos. Isso não quer dizer que a análise da avaliação se limite apenas aos itens lexicais, ela inclui também os enunciados que carregam uma avaliação implícita.

Esse sistema, por sua vez, divide os recursos avaliativos em três grandes domínios semânticos, também denominados subtipos de valoração que são: Atitude, Engajamento e Gradação. O sistema principal é a Atitude e esta se refere à expressão das reações emocionais (temeroso, feliz), dos julgamentos de comportamento (honesto, injusto) e da avaliação de artefatos humanos pelo falante(s)/escritor(es) (sutil, belo). Já o Engajamento revela o comprometimento do falante/escritor com o que está sendo exprimido, explorando um jogo de vozes utilizado na expressão da opinião. E a Gradação se refere aos meios pelos quais os falantes amplificam ou não seus sentimentos.

O sistema de Atitude mapeia os sentimentos e está subdividido em três subsistemas: o Afeto, o Julgamento e a Apreciação. O Afeto corresponde às avaliações emocionais do falante/escritor referentes às pessoas, às coisas, ou aos acontecimentos. O Julgamento corresponde às avaliações éticas no que diz respeito ao comportamento humano, tomando como referência as regras ou convenções estabelecidas socialmente. E, a Apreciação

corresponde às avaliações estéticas de artefatos culturais, como também de fenômenos naturais.

Cada um desses subsistemas está organizado em diferentes categorias. No caso do Afeto, os sentimentos podem envolver além da reação (*realis*) a intenção (*irrealis*). Daí, um enunciado como “O garoto gostou do presente” materializa um Afeto do tipo *realis* e um enunciado como “O garoto queria o presente” materializa um Afeto do tipo *irrealis*. Segundo Martin e White (2008), o Afeto *irrealis* pode implicar duas variáveis: medo (*fear*) e desejo (*desire*). O enunciado anterior é um exemplo da variável desejo (“queria”). A tipologia do Afeto também está dividida em três grupos de emoções: in/felicidade (*un/happiness*): “O capitão sentiu-se triste/alegre”; in/segurança (*in/security*): “O capitão sentiu-se ansioso/confiante” e in/satisfação (*dis/satisfaction*): “O capitão sentiu-se farto/envolvido com aquela situação”.

Segundo White (s/d), o Afeto pode ser materializado através de verbos de emoção (amar/odiar), de advérbios (felizmente/infelizmente), de adjetivos de emoção (zangado, satisfeito), de nominalizações (confiança/insegurança). Mas não são apenas os itens lexicais que podem expressar Atitude, os enunciados também podem carregar uma avaliação implícita. Nesse aspecto, o sistema de crenças do interlocutor tem fundamental importância na interpretação de “sinais” (*tokens*) de avaliação. Segundo White (s/d, p. 05), “a mais óbvia função retórica de tal uso do Afeto é indicar uma posição atitudinal em direção a uma pessoa, ou a uma coisa, ou a uma situação que aciona a emoção” (tradução nossa). Isso implica dizer que a subjetividade do escritor/falante está colocada em um primeiro plano no processo interacional, convidando o leitor/ouvinte a compartilhar de sua reação emocional. O leitor/ouvinte, por sua vez, pode concordar ou não com a reação emocional, considerando-a apropriada ou inapropriada.

Além do Afeto autoral, realizado em 1ª pessoa, ele pode se materializar em 2ª e 3ª pessoa em enunciados do tipo “Não há dúvida de que os homens querem dormir com ela mas eles também respeitam, gostam e confiam nela.” (WHITE, s/d, p. 05, tradução nossa). Nesse caso, as reações emocionais postas em jogo pelo escritor têm como efeito retórico substituir as suas próprias emoções (do escritor), como também levar os leitores a uma avaliação positiva em relação à mulher que é a fonte de desejo.

O Julgamento assim como o Afeto se estrutura em duas dimensões: positiva e negativa e envolve a institucionalização da avaliação, seja pela admiração/crítica da Estima Social, seja pelas implicações legais (Sanção Social). Segundo Martin e White (2008), a Estima Social é conduzida através das fofocas, conversas, piadas, enquanto que a Sanção Social é regida pelas regras, regulamentos, leis. Através do Julgamento, é possível elogiar ou criticar as ações, as realizações, as falas de indivíduos ou de grupos. Tanto a Estima Social quanto a Sanção Social são divididas em variáveis que estão expostas na figura 01.

ESTIMA SOCIAL	Positiva	Negativa
Normalidade É uma pessoa especial?	sortudo(a), normal	encantador(a), azarada, arcaica, excêntrica
Capacidade É uma pessoa competente?	inteligente, intuitivo(a)	astuto(a), lento(a), neurótico(a), lunático(a)
Tenacidade É uma pessoa confiável, bem disposta?	incansável, responsável	confiável, covarde, distraído(a), denanimado(a)
SANÇÃO SOCIAL	Positiva	Negativa
Veracidade É uma pessoa honesta?	sincero(a), autêntico(a)	honesto(a), mentiroso(a), desonesto(a), farsante
Propriedade É uma pessoa ética, irreprovável?	honrado(a), justo(a)	cuidadoso(a), corrupto(a), injusto(a), imoral

Figura 01: Tipologia do Julgamento.

Fonte: Adaptação da figura de Martin e White (2008, p. 53).

A análise de Carvalho (2006), em resenhas de livros publicadas em revistas brasileiras, conduziu a uma adaptação do modelo proposto pela teoria haja vista a autora ter encontrado uma diversidade de informações avaliativas em seu *corpus* que não se enquadravam nas categorias propostas pelo sistema de Avaliatividade. Assim, a autora acrescentou a noção semântica de Mestria a qual inclui informações do tipo: “Tem estilo próprio? Tem domínio de frase? Escolhe bem o ponto de vista narrativo? Para a elaboração dessa categoria, Carvalho (2006) inspirou-se nos escritos sobre crítica literária que destacam as qualidades que devem ser buscadas pelos jovens escritores. A nosso ver, a Mestria e a Capacidade põem em evidência as habilidades do escritor, sendo que a primeira se refere a competências mais específicas do autor, enquanto que a segunda pode ser compreendida como mais abrangente. Carvalho (2006) também incluiu a categoria Experiência à Tenacidade que, por sua vez, se refere às disposições psicológicas do sujeito avaliado. Em nossa análise, utilizaremos a tipologia sugerida por Carvalho (2006) tendo em vista que as modificações propostas estão embasadas em um *corpus* de resenhas não acadêmicas de livros escritos em Língua Portuguesa.

Assim como o Afeto, o Julgamento pode vir explicitamente realizado através de um item lexical (excêntrico, gênio, corrupto) como também implícito (evocado) através de “sinais” de avaliação. Esses “sinais” serão classificados como Julgamento (positivo ou negativo) em dependência da subjetividade do leitor/ouvinte e, em consonância, com sua posição cultural e ideológica. O contexto também tem um papel decisivo na percepção de uma avaliação positiva ou negativa. O Julgamento implícito também pode ser identificado como “provocado”. Nesse caso, também não há nenhum item avaliativo, mas há a presença de termos, como por exemplo “embora”, que dão indicativos de uma valoração positiva ou negativa.

A Apreciação, por sua vez, está dividida em três grandes grupos semânticos: Reação, Composição e Valor como está descrita na figura 02.

	Positivo	Negativo
Reação (impacto) A obra me prendeu?	fascinante, excitante	comovente, monótono, tedioso, previsível
Reação (qualidade) Eu gostei da obra?	esplêndido, encantador	bom, ruim, repulsivo, horrível
Composição (equilíbrio) Os elementos que compõem a obra foram mantidos em equilíbrio?	simétrico, consistente	harmonioso, desorganizado, contraditório, irregular
Composição (complexidade) Foi difícil ler a obra?	detalhado, preciso, claro	simplificado, imperfeito, extravagante
Valor A obra vale a pena?	original, único, profundo	superficial, insignificante, reacionário

Figura 02: Tipologia da Apreciação.

Fonte: Adaptação da figura de Martin e White (2008, p. 56).

Carvalho (2006) também fez alterações na tipologia da Apreciação, ou seja, a autora amalgamou as noções de Equilíbrio e Complexidade, categorizando-a como Engenharia. A dimensão Valor foi subdividida em Relevância e Originalidade. Deste modo, a variável Relevância responde a seguinte pergunta: o livro levanta questões importantes? Já a variável Originalidade responde a seguinte questão: o livro traz alguma contribuição para a área? Pelas mesmas razões explicitadas anteriormente, utilizaremos a tipologia sugerida pela autora.

As fronteiras entre os três domínios semânticos nem sempre estão claramente definidas nos textos, assim, muitas vezes a Apreciação pode se confundir com o Julgamento, principalmente quando os itens avaliativos são valores de emoção. Em enunciados do tipo “Isto foi um desempenho cativante” e “Ela cativou-me com seu desempenho”, temos o mesmo conteúdo informacional, mas cada enunciado enfoca diferentes aspectos. No primeiro, o objeto avaliado (desempenho) é colocado em primeiro plano e no segundo, o autor e seus sentimentos. Uma das razões que podem promover a dificuldade de distinção é que ambos os enunciados indicam um envolvimento subjetivo de um ser humano. Contudo, as escolhas lexicais não são aleatórias e cada uma delas pode implicar diferentes potenciais retóricos.

Outro exemplo que pode gerar confusão é a avaliação estética de seres humanos que é compreendida como Apreciação e não como Julgamento porque não envolve avaliação de comportamento. Desse modo, descrições humanas como “belo”, “atraente”, “horrível” são exemplos de Apreciação. Já em exemplos do tipo “Isto é um brilhante plano”, é complicado definir o que está sendo avaliado se é o plano (a entidade) e por isso se trata de Apreciação ou se é a ação humana e por isso se trata de Julgamento. Como tentativa de solucionar esse tipo de dúvida, White (s/d) afirma que o contexto é fundamental na identificação do tipo de categoria de valoração com que estamos nos deparando.

Isso não quer dizer, por outro lado, que não seja possível haver a materialização de Julgamento e Apreciação em um mesmo enunciado. De acordo com Martin e White (2008), as realizações indiretas possibilitam essa interação. Em exemplo como “Ele provou ser um jogador fascinante” temos Julgamento inscrito e Apreciação invocada e em “Foi uma

jogada fascinante” temos Apreciação inscrita e Julgamento invocado. Como é possível observar a partir dos exemplos, a avaliação explícita do jogador implica uma avaliação implícita de seu desempenho, bem como uma avaliação explícita de seu desempenho implica uma avaliação implícita dos jogadores. Esses exemplos são particularmente interessantes na presente pesquisa haja vista as resenhas não acadêmicas realizarem avaliações do autor e da obra.

2. A instanciãõ da Atitude em resenhas não acadêmicas

Nesta seção procederemos a análise dos padrões de avaliação em resenhas não acadêmicas e, respectivamente, seus prováveis efeitos retóricos. Considerando que as resenhas não acadêmicas realizam diferentes propósitos comunicativos é que optamos por apresentar como as categorias do Afeto, do Julgamento e da Apreciação se materializam nos principais propósitos identificados por Sousa (2009).

2.1. A Atitude e o propósito comunicativo de “apresentar a obra”

Como identificou Sousa (2009), é através do propósito comunicativo de “apresentar a obra” que os leitores são informados sobre o conteúdo geral do livro, edições da obra, dados do lançamento, indicação do público-alvo, dentre outros aspectos⁵. Em tese, a materialização desse propósito não envolveria a avaliação, contudo, a análise dos dados revelou a presença de itens avaliativos, como também a presença da avaliação implícita.

Ao realizar o propósito de “apresentar a obra”, o resenhista acaba também expondo seus juízos de valor (autorial) como também juízos de valor de outros sujeitos sobre o livro, antecipando para o leitor a avaliação da obra. Materializam-se, portanto, valorações que se referem à Reação diante da obra, à Composição da obra e ao Valor da obra. Mas além de apreciar o livro, o propósito comunicativo também aporta avaliações que correspondem às categorias do Afeto em relação ao livro e ao autor (cf. exemplo 01) e do Julgamento do autor. Fora do escopo do autor e da obra identificamos, ainda, Apreciação de outros elementos e Julgamento de outros sujeitos que não o autor da obra resenhada (cf. exemplo 02). Os exemplos abaixo ilustram nossas afirmações.

(01) Um livro embrulhado chegou à minha mesa. Era um dia ensolarado. Havia horas eu estava trabalhando em frente ao computador. Quando desfiz o embrulho, fiquei **satisfeita**. Era o livro de um escritor que **amo**. E era **bom**. (grifo nosso) (RE050207)⁶

⁵ Sousa (2009) identificou onze movimentos retóricos no propósito comunicativo de “apresentar a obra” que são: contextualizar o livro dentro do catálogo da editora, informar outras publicações/edições da obra, informar o conteúdo/organização/temática/mote geral da obra, informar a origem da obra, descrever o formato de apresentação da obra, apresentar dados do lançamento da obra, apresentar curiosidades sobre a obra, fornecer informações sobre a obra (título, autor, editora, número de páginas, preço...), informar o público-alvo, explicar o título/subtítulo da obra, introduzir um tópico que tenha alguma relação com a obra.

⁶ Os textos serão identificados pelas iniciais do jornal ou revista e pela data de publicação.

(02) [...] certamente integrará a biblioteca desses **letrados** apreciadores da sétima arte. (grifo nosso) (DC200807)

Os efeitos retóricos dessas avaliações são bastante variados, dependendo do contexto em que estejam inseridas. No enunciado (01), o fato de a resenhista apresentar suas reações emocionais para os leitores (ela ficou “satisfeita” com o livro, ela “ama” o autor do livro) tem como possível efeito retórico levar o leitor a compartilhar de seu ponto de vista. Nesse sentido, a resenhista busca negociar solidariedade com seu público. White (s/d) nos fala das relações interpessoais e da negociação dos papéis sociais e como isso se reflete nos recursos linguísticos utilizados. Para o autor, “quanto maior for o grau de interação/contato social entre os participantes que interagem maior será o conjunto de opções linguísticas disponíveis” (WHITE, s/d, p. 03, tradução nossa). Nessa perspectiva, é possível observar que algumas resenhas produzidas na comunidade jornalística apresentam uma tentativa de ter um contato mais próximo com seu interlocutor que pode ser consequência da necessidade de captar o leitor. Esse aspecto pode implicar na realização de recursos linguísticos da categoria Afeto.

No enunciado (02), o resenhista negocia uma relação de solidariedade com seus leitores a partir do uso da categoria Julgamento. O produtor classifica o público-alvo de “letrados”, pois sua audiência não é apenas apreciadora de cinema, mas tem também certa erudição. Esse item avaliativo revela como a valoração é utilizada para estabelecer relações interpessoais, não apenas para avaliar artefatos culturais, fenômenos naturais ou pessoas e ações.

O resultado obtido dos padrões de avaliação revela a harmonia entre a organização textual e as categorias de avaliação, ou seja, como o intento comunicativo é “apresentar a obra” a maior parte das avaliações corresponde à Apreciação da obra. E considerando ainda que o conteúdo informacional proveniente deste propósito caracteriza-se como mais geral é natural que a categoria de Apreciação mais utilizada seja a de Qualidade. Nessa esteira, o resenhista fornece aos seus leitores qualificações de natureza geral sobre a obra. No que se refere ao Julgamento do autor, o propósito comunicativo de “apresentar a obra” confina-se à avaliação da Estima Social, os resenhistas não julgam quão honesto ou ético possa ser o autor da obra resenhada. A presença do Afeto pode conduzir a duas constatações: a resenha não acadêmica expressa a subjetividade do seu autor, de tal modo que o produtor revela suas reações emocionais diante do autor e da obra; a expressão dos sentimentos do resenhista pode indicar uma estratégia textual de atrair e de interagir com uma audiência mais ampla possível.

2.2. A Atitude e o propósito comunicativo de “apresentar o autor”

Segundo Sousa (2009), o propósito comunicativo de “apresentar o autor” conduz informações biográficas e/ou da vida literária do escritor. A diferença estabelecida entre as informações que pertencem ao propósito de “apresentar o autor” e “avaliar o autor” repousa na ausência/presença da avaliação. Isso quer dizer que esse intento comunicativo, em tese, também não deveria conter avaliação assim como o propósito de “apresentar a obra”. Contudo, o modo como os resenhistas distribuem as informações em seus textos podem

produzir enunciados em que haja a imbricação desses dois propósitos comunicativos, a inserção do propósito de “avaliar o autor” dentro do propósito de “apresentar o autor”, a realização indireta de Julgamento do autor (cf. exemplo 03), dentre outras possibilidades.

(03) P.D. James é a herdeira da linhagem do romance policial britânico que tem em Arthur Conan Doyle e Agatha Christie seus representantes paradigmáticos. (RE210705)

No exemplo 03, o fato de a autora ser comparada com dois escritores famosos são “sinais” que remetem a uma avaliação implícita da autora. Assim, quanto maior for a valoração de Conan Doyle e Agatha Christie perante o leitor, conseqüentemente maior será a avaliação da autora. Independente de como as informações são distribuídas nas resenhas, o fato é que um possível efeito retórico da valoração do autor repercute na valoração da obra e vice-versa. Assim, temos o que Martin e White (2008) denominaram de interação entre Atitude invocada e Atitude inscrita.

O Julgamento do autor, em geral, se realiza dentro do escopo da Estima Social. Isso quer dizer que a avaliação, em tese, deveria se restringir ao desempenho do autor e não se estender a valoração de suas atitudes éticas ou morais. Contudo encontramos no propósito comunicativo de “apresentar o autor”, avaliações do caráter do escritor, como é o caso do exemplo 04.

(04) Apesar de escrever o primeiro artigo em fevereiro de 1942, Orwell mantinha uma relação anterior com o Observer. No ano anterior, ele conheceu David Astor, proprietário e futuro editor do jornal, e logo uma sólida amizade se estabeleceu - Astor admirava a “**absoluta franqueza, honestidade e decência**” de Orwell e, por isso, convidou-o a escrever para o jornal. Assim, criou uma coluna, Fórum, e encarregou o escritor de inaugurá-la. (grifo nosso) (ESP171206)

A avaliação contida no exemplo 04 tem como efeito retórico valorizar positivamente o livro que está sendo resenhado. Esta obra consiste em um conjunto de artigos políticos que foram, na época, publicados em jornal e que geraram muita polêmica devido ao fato de o autor dos artigos ser extremamente honesto. Essa explicação justifica o tipo de Julgamento que é feito do autor, o resenhista não o faz gratuitamente, ela tem relação direta com a qualidade da obra. Em outras palavras, quanto mais ético, honesto, franco, sincero for apresentado o autor, mais valoroso será seu livro haja vista seu autor (no caso George Orwell) haver ultrapassado as barreiras das relações políticas e sociais.

Ressaltamos que essa avaliação do autor é apresentada no início do texto e a fonte da valoração do escritor é o dono do jornal em que o escritor publicava seus artigos e não o resenhista. Contudo, o resenhista compartilha com ele esse Julgamento da Veracidade do autor e desenvolve seu texto dentro do paradigma da honestidade do escritor. O Julgamento do autor na categoria Sanção Social representa um recurso linguístico que é próprio das resenhas não acadêmicas de livros, haja vista Carvalho (2002) não ter identificado em sua análise nenhum termo avaliativo dessa categoria semântica.

Como foi possível observar o propósito comunicativo de “apresentar o autor” exibe uma gama bem menos extensa de padrões avaliativos do que o propósito de “apresentar a obra” e isso se explica pela quantidade de movimentos retóricos que constituem cada um dos intentos comunicativos. Ao fornecer informações sobre a biografia e vida literária do autor, o resenhista pode avaliar o autor do livro. Ainda em relação ao Julgamento do autor, diferente do propósito comunicativo de “apresentar a obra”, neste constatamos a presença da categoria Sanção Social. Assim, os resenhistas avaliam não apenas o desempenho do autor, mas também seu comportamento ético e moral.

Em geral, podemos afirmar que há uma tendência a materializar Julgamento do autor em detrimento da Apreciação da obra e do Afeto, como também uma tendência a materializar uma avaliação mais positiva que negativa. No que se refere ao primeiro aspecto, observamos uma harmonia entre o tipo de informação que é conduzida com o tipo de avaliação que aparece nos enunciados. Assim, o propósito comunicativo de “apresentar a obra” materializa uma maior frequência de Apreciação do livro, enquanto que o propósito de “apresentar o autor” materializa uma maior frequência de Julgamento do escritor. Considerando o parâmetro positivo x negativo, houve uma altíssima frequência de avaliação positiva em detrimento da baixíssima frequência de avaliação negativa.

2.3. A Atitude e o propósito comunicativo de “descrever a obra”

Sousa (2009) ao investigar o propósito comunicativo de “descrever a obra”, identificou que este pode se materializar através de seis movimentos retóricos que, por sua vez, descrevem diferentes partes do livro, desde o conteúdo da obra até o material extratextual⁷. Em princípio, esse propósito não deveria conter recursos avaliativos, mas como já foi explicitado anteriormente a presença da valoração pode ser justificada pela imbricação de movimentos retóricos, do propósito de “descrever a obra” com o propósito de “avaliar a obra”, como também pela existência de avaliação implícita. A análise dos padrões de avaliação neste propósito comunicativo constatou a instanciação em maior frequência de Apreciação da obra (cf. exemplo 05) e em baixíssima frequência Julgamento do autor.

(05) O **detalhado** estudo de “Barravento”, o primeiro longa de Glauber Rocha, lançado em 1962, é sucedido por uma análise de um filme de estrutura bem mais convencional. (grifo nosso) (HD300907)

Os efeitos retóricos são variados a depender do contexto de cada resenha. No exemplo (05), o resenhista descreve a sequência dos conteúdos que aparecem no livro e ao fazê-lo avalia um dos artigos que compõem a obra, categorizando-o de “detalhado”, essa

⁷ Segundo Sousa (2009), o propósito comunicativo de “descrever a obra” pode ser materializado a partir dos seguintes movimentos retóricos: sintetizar o conteúdo da obra, descrever pontos específicos da obra, citar a obra, descrever o conteúdo dos gêneros introdutórios e/ou do material extratextual, caracterizar o gênero que constitui a obra e descrever/explicar a metodologia pelo organizador ou autor na feitura da obra.

valoração tem como consequência retórica a avaliação positiva do livro. Em outras palavras, se um componente da obra (artigo) é bem avaliado, conseqüentemente a obra também o será.

Apesar de ser visível que a Apreciação é a categoria dominante em todos os movimentos retóricos, materializando-se em diferentes variáveis (Reação, Composição e Valor), e materializando também a Apreciação implícita, identificamos ainda a presença do Julgamento, seja do autor (cf. exemplo 07) ou de outras pessoas (cf. exemplo 06).

(06) Pois então, o livro da Zahar Editor supera e muito, seus antecessores. O segredo é que ele traz fotos de época e contextualizações históricas. Além disso, retrata, por vezes, os **grandes** intérpretes dos compositores historiados. (grifo nosso) (DC120507)

(07) Além de dialogar com a sua memória, suas opiniões e com as perguntas **perspicazes** do entrevistador Geneton Moraes Neto (atualmente, editor do «Fantástico», na TV Globo), Carlos Drummond de Andrade conversa, sobretudo, sobre minudências de sua própria obra. (grifo nosso) (HD090907)

No exemplo (06), o resenhista faz um Julgamento positivo dos compositores que são descritos na obra, tendo como consequência retórica a valorização da obra que está sendo resenhada. Já no exemplo (07), temos uma realização indireta do Julgamento do autor. Explicitamente, o resenhista avalia positivamente o nível de perguntas da entrevista e, implicitamente, faz uma valoração do entrevistador. Em outras palavras, a avaliação da obra e do autor se sobrepõe em um mesmo enunciado pela presença da materialização direta da Apreciação e da materialização indireta do Julgamento. Mas além do Julgamento, identificamos no *corpus* a presença, mesmo que em uma baixa frequência, do Afeto não autoral.

Em suma, podemos afirmar que no propósito comunicativo de “descrever a obra”, o resenhista ao descrever o livro acaba por avaliá-lo, seja considerando a obra em seu conjunto, seja considerando partes da obra. E essa avaliação é eminentemente positiva, reforçando os parâmetros de avaliação dos outros propósitos comunicativos já apresentados. A presença reduzida do Julgamento do autor talvez se justifique porque há propósitos comunicativos específicos que conduzem informações sobre o autor que são: “apresentar o autor” e “avaliar o autor”.

2.4. A Atitude e o propósito comunicativo de “avaliar a obra”

Sousa (2009) identificou que o propósito comunicativo de “avaliar a obra” se materializa em oito movimentos retóricos, promovendo a apreciação da obra em diferentes dimensões⁸. Desse modo, o resenhista pode avaliar a obra como um todo, ou apenas partes

⁸ De acordo com Sousa (2009), o propósito comunicativo de “avaliar a obra” pode realizar-se nos seguintes movimentos retóricos: diferenciar (ou não) a obra dentro de uma categoria, comentar sobre a (provável) repercussão da obra, avaliar/analisar pontos específicos da obra, avaliar a obra como um todo, indicar as impressões/sensações/emoções que o livro provocou (ou provocará), sugerir outros formatos para a obra, indicar a função/objetivo/valor da obra e avaliar material extratextual da obra.

específicas desta, dentre outras informações. Como seria previsível é o propósito comunicativo de “avaliar a obra” que contém o maior índice de realização de valoração, haja vista ser um intento comunicativo considerado fundamental em resenhas. Desse modo, realizou-se em mais alta frequência a Apreciação da obra do que o Julgamento do autor e o Afeto.

Como afirmamos nas subseções anteriores, as avaliações podem assumir no texto diferentes efeitos retóricos. O exemplo (08) é particularmente interessante porque promove uma maior valorização da obra haja vista o produtor ter escolhido um grau elevado de avaliação (“é um dos mais ambiciosos”), além de o resenhista se apresentar ao leitor como sendo uma autoridade no assunto, tendo em vista que o escopo de análise do resenhista ser o contexto literário brasileiro. Outro aspecto que merece ser ressaltado é a escolha do item avaliativo (“quebradiço”) que, em tese, não poderia ser utilizado em uma avaliação positiva, daí o produtor ter sentido a necessidade de explicar à sua audiência que estava utilizando o termo no “melhor dos sentidos”. Essa passagem confirma o que Martin e White (2008) dizem que é o contexto que define o que pode ser considerado uma avaliação no paradigma positivo ou negativo. No exemplo em questão, “quebradiço” é um termo de elogio.

(08) [...] e é **um dos textos mais audaciosos e quebradiços**, no melhor dos sentidos, a surgir no horizonte literatura brasileira nos últimos anos. (grifo nosso) (DC300607)

Cada um dos movimentos retóricos, em geral, apresentou uma preferência por uma dada variável do subsistema da categoria de Apreciação. Essa preferência pode ser explicada pela alta frequência de realização de uma dada variável dentro do movimento retórico. A título de ilustração, por exemplo, o movimento retórico denominado “comentar sobre a (provável) repercussão da obra” materializou mais valorações do tipo Reação Impacto. Desse modo, compreendemos que é através deste movimento que o resenhista informa aos leitores o bom êxito ou não da obra e a variável Impacto ao expressar os efeitos que a obra causou também conduz essa informação semântica. O que queremos esclarecer com essa assertiva é que há, de alguma forma, uma convergência semântica entre as informações conduzidas pelos propósitos comunicativos com as variáveis das categorias de avaliação que se materializam em cada movimento.

Além da Apreciação da Obra, no propósito comunicativo de “avaliar a obra” identificamos a presença do Julgamento do autor como é o caso do exemplo (09).

(09) Além de conhecer de modo privilegiado o olhar de Bacon sobre sua própria obra, os leitores travam contato com um trabalho **carregado de erudição e sensibilidade**, duas das principais características da escrita de David Sylvester. (HD190907)

Esse enunciado é particularmente interessante porque ao avaliar o livro do autor como “carregado de erudição e sensibilidade” o resenhista está também colocando em destaque as qualidades do autor. Ao abordar a possibilidade de realização entre Apreciação da obra e Julgamento do autor em um mesmo enunciado, o sistema de Avaliatividade sugere que essa interação seja explicada pela realização direta de um tipo de avaliação e pela realização

indireta de outro tipo de avaliação. No excerto em exame, o enunciado que aporta a informação “carregado de erudição e sensibilidade” sustenta tanto a Apreciação da obra, quanto o Julgamento do autor. Os enunciados que o precedem realizam a avaliação do trabalho do autor, enquanto que os enunciados que o procedem dão sustentação à avaliação do autor. Assim, tanto o trabalho quanto o escritor tem “erudição” e “sensibilidade”. Esse excerto abre um precedente para a sobreposição em um primeiro plano de diferentes tipos de avaliação.

Em suma, a análise textual nos permite afirmar que o propósito comunicativo de “avaliar a obra” realizou todas as variáveis da categoria Apreciação, bem como quase todas as variáveis da categoria Julgamento com exceção apenas da variável Sanção Social (Propriedade), além da valoração implícita do livro e do autor. Esses resultados guardam coerência com as informações que são conduzidas neste propósito, ou seja, se o intento comunicativo é “avaliar a obra”, é natural que a categoria da Apreciação seja a mais recorrente. Considerando o paradigma positivo e negativo, o propósito comunicativo em tela materializou como os demais uma alta frequência de valorações positivas do que negativas. Contudo, como o volume de termos avaliativos nesse propósito foi maior, consequentemente houve maior índice de avaliações no paradigma negativo do que nos outros propósitos comunicativos apresentados, mas sempre em uma frequência bem menor do que o paradigma positivo. Esse resultado converge com a pesquisa de Carvalho (2002) em resenhas acadêmicas que constatou uma preferência pela avaliação positiva.

2.5. A Atitude e o propósito comunicativo de “avaliar o autor”

Como foi destacado anteriormente, o propósito comunicativo de “avaliar o autor”⁹ distingue-se do propósito de “apresentar o autor” pelo fato de este ser abertamente avaliativo. Considerando este aspecto, constatamos uma maior frequência de Julgamento do autor do que de Apreciação da obra. Esse resultado não surpreende na medida em que é previsível encontrar uma predominância da categoria Julgamento em porções textuais que têm a função retórica de “avaliar o autor”. Nossa análise nos permite afirmar que não apenas de forma explícita se realiza o Julgamento do autor, o enunciado (10) apresenta um excerto de avaliação implícita do autor. A apresentação da diversidade de funções desempenhadas pelo autor tem o efeito retórico de valorá-lo positivamente. O resenhista apresenta o autor como um indivíduo múltiplo, capaz de escrever, dirigir, atuar, enfim realizar diferentes atividades artísticas.

(10) Autor de *Sem Plumas e Que Loucura!*, Allen é um homem do cinema que não lançava um livro desde 1980. Ele escreveu os roteiros de 59 filmes, dirigiu 43 deles e atuou em outros 42 (somando os seus e os de outros). Várias vezes, desempenhou as três funções – roteirista,

⁹ Segundo Sousa (2009), o propósito comunicativo de “avaliar o autor” pode realizar-se nos seguintes movimentos retóricos: diferenciar (ou não) a obra dentro de uma categoria, comentar sobre a (provável) repercussão da obra, avaliar/analisar pontos específicos da obra, avaliar a obra como um todo, indicar as impressões/sensações/emoções que o livro provocou (ou provocará), sugerir outros formatos para a obra, indicar a função/objetivo/valor da obra e avaliar material extratextual da obra.

diretor e ator – em uma mesma produção, caso de Manhattan (1979) e Annie Hall (1977), ou Noivo Neurótico, Noiva Nervosa – um exemplo histórico de título brasileiro que não tem nada a ver com coisa nenhuma. (GP231207)

Embora tenhamos afirmado anteriormente que no propósito comunicativo de “avaliar o autor” houve uma predominância do Julgamento do autor, identificamos exemplos de Apreciação da obra. O enunciado (11) ilustra um exemplo de Apreciação da obra.

(11) Sua produção jornalística, no entanto, foi **portentosa**. (grifo nosso) (RE201205)

Este enunciado materializa o movimento retórico “comentar a produção literária do autor”, nele o resenhista avalia outras obras do autor. Por conta disso, consideramos como avaliação da obra apenas as valorações que incluíam o livro que estava sendo resenhado. Como consequência retórica, a avaliação da produção literária do autor pode implicar na materialização de Julgamento explícito do autor.

Nossa análise nos permite afirmar que o propósito comunicativo de “avaliar o autor” materializou todas as variáveis da categoria Julgamento do autor e da categoria Apreciação da obra, bem como a variável In/felicidade da categoria Afeto, revelando, assim, a multiplicidade de opções que os resenhistas dispõem na condução das informações sobre a avaliação do autor. Por outro lado, isso não quer dizer que essa diversidade de recursos avaliativos tenha sido materializada na mesma frequência. A frequência de realização do Julgamento do autor foi muito superior a da Apreciação da obra, destacando-se na valoração do escritor a variável Mestria e na valoração do livro a variável Composição. Esses resultados indicam que os resenhistas na comunidade jornalística dão preferência à avaliação de habilidades específicas do autor, tais como “[...] sabe, muito bem, unir humor, calor humano e ritmos sugestivos” no propósito comunicativo de “avaliar o autor”¹⁰.

Outro aspecto que merece ser destacado é que o Afeto mais uma vez se revela como uma categoria que é passível de realização, mas não é representativa dentro do propósito comunicativo. O resenhista tem liberdade para expressar suas reações emocionais diante da obra, mas, de um modo geral, ele não o realiza. Em relação ao paradigma positivo ou negativo, repete-se à preferência pela realização de uma avaliação mais positiva que negativa, convergindo com os resultados observados nos outros propósitos comunicativos. Essa constatação sugere alguns questionamentos: por que publicar resenhas negativas se o espaço do Jornalismo Cultural no Brasil vem assumindo uma nova configuração, tornando-se secundário no que se refere ao grau de importância dentro do jornal e/ou menos aprofundado no tratamento dos temas? Por que publicar resenhas negativas se a resenha no jornal ou na revista funciona como um gênero capaz de estabelecer a mediação entre a instância de produção do livro e seu público? Enfim, esses aspectos podem influenciar o tipo de paradigma a ser escolhido na avaliação de uma dada obra.

¹⁰ Excerto retirado da resenha DN221006.

Conclusões

O objetivo de identificar os padrões avaliativos de resenhas não acadêmicas de livros e seus efeitos retóricos não têm a pretensão de apresentar “modelos” de avaliação, destacamos que os resultados obtidos representam como os resenhistas avaliam o autor e a obra na comunidade jornalística. De uma forma geral, podemos afirmar que as resenhas materializam em maior frequência a Apreciação da obra do que o Julgamento do autor. Esse resultado confirma as expectativas das pesquisadoras, haja vista reconhecermos que “avaliar a obra” é o propósito comunicativo mais recorrente em resenhas não acadêmicas.

Quanto à categoria Afeto, esta se materializou em uma baixa frequência nos textos. Contudo, destacamos que a presença do Afeto é um padrão avaliativo que distingue as resenhas não acadêmicas das acadêmicas, haja vista na comunidade acadêmica ser evitada a apresentação da avaliação pessoal do resenhista sobre a obra. Aspecto este que está presente em resenhas não acadêmicas de livros. Constatamos, ainda, que a categoria Afeto teve o efeito retórico de conduzir o leitor a compartilhar do ponto de vista do resenhista.

Já a análise da categoria Apreciação revelou uma maior frequência da variável Composição/Engenharia, indicando que na comunidade jornalística os resenhistas analisam detalhadamente diferentes aspectos da obra (os personagens, a linguagem, dentre outros). Esse resultado mais uma vez diferencia a resenha não acadêmica da resenha acadêmica, tendo em vista que a avaliação que é destacada na resenha acadêmica prioriza o papel da obra dentro de uma determinada área do conhecimento. Quanto à análise da categoria Julgamento do autor, constatamos que houve uma recorrência da variável Estima Social em relação à variável Sanção Social. A presença da Sanção Social revela que julgamentos sobre a honestidade e a ética do autor são tipos de avaliações que podem ser realizadas pelos resenhistas na comunidade jornalística. Entretanto, ressaltamos que, em geral, esse tipo de avaliação tem relação direta com a valoração da obra e não está relacionada apenas à figura do autor.

A análise dos padrões de avaliação também é útil na caracterização do estilo de um gênero e no caso da presente pesquisa na percepção da influência da comunidade no processo de produção do gênero. Como foi possível observar, os resenhistas têm a sua disposição uma infinidade de recursos avaliativos e diferente de outros gêneros do domínio jornalístico, os produtores podem lançar mão deles, pois são autorizados institucionalmente a explicitar “sem restrições” valorações de diferentes objetos. A ausência de restrições a que nos referimos não exclui os condicionantes morais que permeiam a sociedade.

Essa diversidade de recursos linguísticos avaliativos promove diferentes efeitos retóricos, tais como: apresentar o resenhista como um especialista, levar o leitor a compartilhar o ponto de vista do resenhista, valorizar o autor a partir da valorização da obra e vice-versa, indicar comprometimento do autor com o seu público-leitor, dentre outros. O fato é que o estudo das consequências retóricas dos padrões de avaliação identificados em resenhas não acadêmicas de livros indica que esses recursos além de valorar positivamente pessoas ou objetos constroem as relações interpessoais entre falantes/escritores e ouvintes/leitores. Outro aspecto que destacamos é a relação de convergência entre os propósitos comunicativos e as categorias de valoração, demonstrando, portanto, a possibilidade de estabelecer diálogo entre o sistema de Avaliatividade com outras bases teóricas.

ABSTRACT: This study aims to investigate the appraisal patterning which instantiate itself in non-academic book review, playing the rhetorical effects of appraisal resources selected by reviewers. To accomplish this goal we use a theoretical framework of System Functional Linguistics area that is the system of Appraisal. We selected a *corpus* of 94 (ninety four) book reviews published in Brazilian newspapers and magazines and performed qualitative analyses. The results indicated that the reviewers in the journalistic community use more the recourse of Appreciation and do more positive evaluation than negative.

Key-word: Review; journalistic community; appraisal.

Referências

CARVALHO, G. Críticas de livros: um breve estudo da linguagem da avaliação. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 6, n. 2, p. 179-198, maio./ago. 2006.

_____. *Resenhas/reviews: da ação entre amigos ao apontador de defeitos (Um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em Inglês e em Português)*. 2002. 190 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

SOUSA, S. C. T. *A ação retórica de resenhar na comunidade jornalística: um estudo dos propósitos comunicativos e da avaliação*. 2009. 344 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2009.

IEDEMA, R. S.; FEEZ, S.; WHITE, P. R. R. *Media literacy*. Sydney: Disadvantaged Schools Program, NSW, Department of School Education, 1994.

MARTIN, J.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan. 2008.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in Linguistic, Chemistry, and Economics*. 1995. 311 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995.

WHITE, P. R. R. *Telling media tales: the news story as rethoric*. 1998. 298 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Sydney. Sydney, 1998.

_____. *Um recorrido por la teoria de la valoración (Teoría de la valoración)*. Disponível em <<http://www.grammatics.com/appraisal/SpanishTranslation-AppraisalOutline.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2008.

_____. *Attitude/Affect*. Disponível em <<http://www.grammatics.com/appraisal/AppraisalGuide/AppraisalGuideWPFiles.html>>. Acesso em: 01 jun. 2008.

_____. *Attitude/Judgment*. Disponível em <<http://www.grammatics.com/appraisal/AppraisalGuide/AppraisalGuideWPFiles.html>>. Acesso em: 01 jun. 2008.

_____. *Attitude/Appreciation*. Disponível em
<<http://www.grammatics.com/appraisal/AppraisalGuide/AppraisalGuideWPFiles.html>>. Acesso em:
01 jun. 2008.

Data de envio: 02/04/2012

Data de aprovação: 16/01/2013

Data de publicação: 06/02/2013